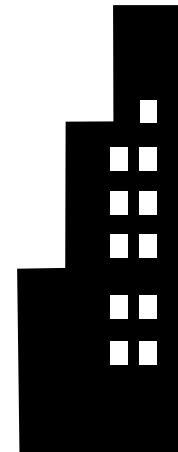




Pedro Mexia

# O Mundo dos Vivos



Prefácio de  
Manuel António Pina

**L I S B O A :**  
TINTA-DA-CHINA  
M M X I I

As crónicas reunidas neste livro foram originalmente publicadas no suplemento P2 do jornal *Público*, entre Abril de 2007 e Dezembro de 2010, e no suplemento Atual do jornal *Expresso*, entre Maio de 2011 e Março de 2012.

© 2012, Pedro Mexia e  
Edições tinta-da-china, Lda.  
Rua João de Freitas Branco, 35A  
1500-627 Lisboa  
Tels.: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30  
E--mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

Título: O Mundo dos Vivos  
Autor: Pedro Mexia  
Prefácio: Manuel António Pina  
Revisão: Tinta-da-china  
Composição e capa:  
Tinta-da-china

1.ª edição: Abril de 2012

isbn: 978-989-671-118-4  
Depósito Legal n.º 342590/12

## ÍNDICE

Prefácio	9
<i>Cuidar dos vivos</i>	
Alceste, meu próximo	15
<i>Alceste, 1666</i>	
Salvo pelas lágrimas	18
<i>Miguel Strogoff, 1876</i>	
A união ideal	22
<i>José Matias, 1897</i>	
Quem é Capitu?	26
<i>Capitu, 1899</i>	
Os três tadzios	29
<i>Tadzio, 1912</i>	
As armas do inimigo	32
<i>O Banqueiro Anarquista, 1922</i>	
O prisioneiro agradecido	35
<i>Alvaro Mutis, 1923</i>	
Os americanos	38
<i>Robert Frank, 1924</i>	
Tintin ou a simplicidade	41
<i>Tintin, 1929</i>	
O peso e a leveza	44
<i>Milan Kundera, 1929</i>	
O dono das notícias	47
<i>Rupert Murdoch, 1931</i>	
A estética do feio	51
<i>Umberto Eco, 1932</i>	
Catástrofes	54
<i>Roman Polanski, 1933</i>	
Aleluia	58
<i>Leonard Cohen, 1934</i>	
O que aconteceu ali?	61
<i>Josef Fritzl, 1935</i>	
É uma coisa que me chateia	65
<i>Bugs Bunny, 1938</i>	
Os alfonsos guerras	68
<i>Alfonso Guerra, 1940</i>	

É um escândalo <i>Max Mosley, 1940</i>	71	A barreira invisível <i>Surfista Prateado, 1966</i>	130
Vacas magras <i>Richard Klein, 1941</i>	74	A máquina da verdade <i>Kate McCann, 1967</i>	133
À altura do momento <i>Caroline de Bendern, 1941</i>	78	A Bruni <i>Carla Bruni, 1967</i>	136
A bunda e a ameaça <i>João Ubaldo Ribeiro, 1941</i>	81	Karen precisa de ajuda <i>Karen Mulder, 1970</i>	139
Lotte não pode morrer <i>Werner Herzog, 1942</i>	85	Homens mais novos <i>Bridget Moynahan, 1971</i>	142
Música suja <i>Keith Richards, 1943</i>	88	Tiger, Tiger <i>Tiger Woods, 1975</i>	145
Um romance russo <i>Eduard Limonov, 1943</i>	91	Sana e Adnan <i>Adnan Klaric, 1975; Sana Klaric, 1980</i>	148
Agora a sério <i>Chico Buarque, 1944</i>	95	Feio <i>Gonzalo Ojalora, 1976</i>	151
Moderem o vosso entusiasmo <i>Larry David, 1947</i>	98	Semiótica de Cláudia Vieira <i>Cláudia Vieira, 1979</i>	154
O momento fáustico <i>Salman Rushdie, 1947</i>	101	A mochila <i>Sport Billy, 1979</i>	157
Antigo Regime <i>Dominique Strauss-Kahn, 1949</i>	104	A colecionadora <i>Dasha Zhukova, 1981</i>	160
A vida no arame <i>Philippe Petit, 1949</i>	108	Dona Chama <i>Bruna Real, 1982</i>	163
Sarko <i>Nicolas Sarkozy, 1955</i>	111	Babilónia <i>Lindsay Loban, 1986</i>	166
O enigma Cecília <i>Cécilia Albéniz, 1957</i>	115	O Museu das Relações Falhadas <i>Patrick Moberg, 1986</i>	170
Por onde andaré Stephen Fry? <i>Stephen Fry, 1957</i>	118	Que vida é essa <i>Natascha Kampusch, 1988</i>	173
«É uma injustiça» <i>Calimero, 1961</i>	121	Amanda e os outros <i>Amanda Knox, 1988</i>	177
Pessoas complicadas <i>Jennifer Jason Leigh, 1962</i>	124	A menina do mar <i>Laura Dekker, 1995</i>	180
Badocha <i>Neil LaBute, 1963</i>	127		

PREFÁCIO  
*Cuidar dos vivos*

QUE COSTUMA designar-se por crónica jornalística constitui um género muito vasto, que vai da notícia ou reportagem impressiva e breve de um acontecimento à longa elucubração opinativa sem relação com qualquer acontecimento concreto. Entre esses extremos, o da proximidade e o do distanciamento total da notícia (género por excelência do jornalismo), existe uma miríade imensa de gradações que têm em comum o facto da publicação num jornal ou em outro meio de comunicação e o facto da *actualidade*, pois que a crónica é filha de Cronos, o tempo que passa. Mas até estas características parecem dispensáveis, já que não é (digo eu) com a publicação que uma crónica assume a natureza de crónica, existindo crónicas inéditas, do mesmo modo que, muitas vezes, se chama igualmente de crónica o memorialismo mais ou menos confessional e de natureza fundamentalmente literária (como o que pratica, por exemplo, Lobo Antunes).

Crónica é, afinal, tudo o que o seu autor, ou o seu editor, assim designam. Como critério identificativo, é talvez uma solução coxa, mas tem a vantagem de ser objectiva e de evitar as armadilhas da estéril controvérsia dos géneros. Segue, tal critério, a lição de António Salgado Júnior, meu professor de literatura nos longínquos anos do Secundário, que terminou uma eruditíssima aula acerca da distinção entre conto, novela e romance concluindo que a melhor definição, e a que abrange mais definidos, continua a

ser a do livreiro: até dez páginas, é conto; entre dez e cem é novela; acima disso, é romance.

Para tentar classificar algumas das minhas crónicas tenho, às vezes, usado a duvidosa expressão «jornalismo com saudade da literatura e literatura com remorsos de ser jornalismo». Tal caracterização adequa-se melhor às crónicas de Pedro Mexia, a maior parte delas contos verdadeiros se não verdadeiros contos, do que às minhas.

As crónicas reunidas no presente volume são jornalismo porque não dispensam a actualidade nem a informação, e são literatura porque — e, na embaraçosa circunstância de precisar de me agarrar a um conceito de «literatura», chamo em meu socorro Jakobson —, privilegiando elas notoriamente o facto da linguagem, tanto no que toca à sua forma como aos seus específicos usos linguísticos, a sua função dominante (porque há nelas, ao mesmo tempo, outras funções óbvias, designadamente a comunicativa, típica do jornalismo) é a poético-literária. Curiosamente, uma boa parte destas crónicas anda em torno de autores, obras e personagens da tradição literária, e contém frequentemente alusões literárias, evidentes ou ocultas (quando não são algo muito próximo de uma recensão), tudo o que parece devolver para a noção de *reutilização*, ou de «retorno a si próprio», que alguns estudiosos da retórica consideram ser um dos «sinais» que se acendem anunciando um discurso predominantemente literário.

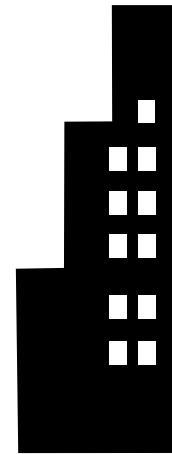
Aprende-se muito com estas crónicas de Pedro Mexia (eu aprendi), quer acerca da literatura e outra artes — fotografia, BD, música, cinema, teatro, ou mesmo *design* publicitário; e, principalmente, da conturbada e incansável arte da vida, não é por acaso que a presente recolha se intitula *O Mundo dos Vivos* — quer acerca da complexa, e não raro sórdida, natureza dos homens e

das sociedades humanas; e, sim, há aqui muita informação, isto é, muito jornalismo. E aprende-se com inesperado prazer, coisa essa, o prazer de ler, quase tão improvável de encontrar hoje em jornais quanto informação desinteressada.

Rudolfo Agrícola escreveu no século xv que a literatura serve *ut doceat, ut moveat aut delectet*, que é como quem diz para ensinar, para comover e para deleitar. Como se vê pela figura junta, em casos excepcionais, as crónicas de jornal, mesmo destinadas a durar um dia (e as de Pedro Mexia aspiram patentemente a durar mais, daí a oportunidade desta sua reunião em volume), podem servir igualmente para isso.

*Porto, 2 de Abril de 2012*  
MANUEL ANTÓNIO PINA

O MUNDO  
DOS VIVOS



## ALCESTE, MEU PRÓXIMO

**L**I HÁ DIAS que um misantropo é alguém que «detesta ou despreza a humanidade». Eis um caso flagrante de falta de maiúscula. Aquilo que o misantropo detesta de facto é a Humanidade. «O género humano», como diz o hino comunista. O misantropo não detesta todas as pessoas, mas detesta os colectivos, as multidões, as massas. A Humanidade é para o misantropo uma abstracção perniciososa, o colectivo é coercivo, a multidão é uma turba e as massas são gado. Conheço poucos misantropos que detestem *todas* as pessoas, mas não conheço nenhum misantropo que aprecie a ideia mítica de Humanidade. O misantropo gosta de poucas pessoas, pessoas que conhece, e uma de cada vez. Gosta da humanidade, mas não da Humanidade.

Claro que também há falsos misantropos. Os niilistas, por exemplo, parecem detestar toda a gente, mas gostam mesmo é de boémia, e a boémia implica convívio. O niilismo é um ressentimento sofisticado, e o verdadeiro misantropo não é um ressentido, é um puritano. Pode ser pessimista antropológico, mas ainda assim cultiva, no fundo, algumas ilusões sobre a espécie, que justificam que se desiluda, ou que viva em permanente desilusão. O misantropo é um radical porque é um melancólico, e a melancolia também deriva do seu radicalismo, num círculo vicioso. Escrevendo sobre *O Misanthropo* (1666) de Molière, peça que traduziu para português, diz Vasco Graça Moura: «[Alceste, o protagonista] opõe-se à sociedade do seu tempo pela sua exigência de rigor, franqueza e



sinceridade totais nos comportamentos, rejeitando qualquer espécie de convenção hipócrita nas relações entre as pessoas. Essa exigência ética fá-lo soçobrar num pessimismo irremediável e numa crescente recusa de contactos com o género humano, a ponto de pôr em questão as suas próprias amizades.»

O misantropo convive mal com a existência da sociedade e das suas regras. Não que ele acredite que a sociedade «corrompe», como defendia o funesto genebrino; simplesmente, supõe que podiam existir relações pessoais não manchadas pelas convenções hipócritas. O misantropo detesta a pieguice, a frase feita, a bondade usada na lapela, as criaturas que acordam bem-dispostas, as alegrias compulsivas, as festas exibicionistas, o conformismo burguês, o tédio da conjugalidade, o tribalismo. Daí as suas dificuldades com a vida familiar (o verdadeiro misantropo dificilmente se casa), com a vida pública, sobretudo a política, com a feira das vaidades mundanas, com os consensos fabricados. Um misantropo é um pessimista, muitas vezes um cínico, mas as suas reacções são com frequência fruto da impaciência, de uma intolerância intelectual e ética. Alguns célebres misantropos, como o americano Ambrose Bierce, castigavam a espécie pela sua persistência na auto-ilusão. Assim, no *Dicionário do Diabo* (1911), Bierce define o optimismo como «a doutrina ou crença segundo a qual tudo é belo, incluindo o que é feio; tudo é bom, especialmente o que é mau; e tudo o que está mal, está bem. (...) a forma mais aceitável de a revelar é com um esgar a imitar um sorriso». O optimismo (no qual se inclui o «humanismo») é para Bierce «uma doença intelectual, cuja única forma de tratamento é a morte. É hereditária, mas felizmente não é contagiosa».

Era isso acima de tudo que o Alceste de Molière não suportava. A civilidade como mentira, o culto das aparências, a lisonja

como estratégia, a bonomia como farsa, a empatia como embuste. Só gostamos verdadeiramente de alguma coisa, ou de alguém, se for uma distinção, uma afinidade electiva, caso contrário gostamos de tudo e de todos, e isso não vale nada. Alceste explica: «Toda a estima se quer em preferência assente, / E é nada estimar estimar toda a gente. / Se nestes tempos dais em vícios tão sandeus, / Pois é, feito não sois a serdes cá dos meus; / Rejeito a complacência assim de um coração / Que em méritos não faz nenhuma distinção; / Que me distingam quero; e a fala é terminada, / O amigo da espécie humana não me agrada.»

O misantropo não detesta a humanidade, detesta a Humanidade, porque só acredita em indivíduos, indivíduos escolhidos e estimados ou amados. Alceste nem isso conseguiu gerir bem. Mas esse fracasso não deve inibir os misantropos comuns (como eu) de contactos humanos ou de emoções. É porém uma humanidade que se dirige a seres humanos concretos, nunca à Humanidade abstracta. Concretos e escassos, e a quem podemos dar e exigir «franqueza e sinceridade totais nos comportamentos». Claro que nem sempre isso acontece, mas, afinal, toda a gente se engana. Até um misantropo.

## A MENINA DO MAR

**L**AURA DEKKER NASCEU no mar, como Vénus. O pai, holandês, e a mãe, alemã, estavam na Nova Zelândia, numa viagem de sete anos à volta do mundo. Até aos quatro anos, Laura Dekker viveu no mar, e deve ter sido feliz enquanto ainda nem tinha memória de ser feliz, porque é ao mar que tem tentado voltar uma e outra vez.

Desde os seis anos que ela veleja. Passava as férias sozinha, no seu barco, fazia viagens aos mares do Norte, foi ganhando conhecimento e experiência. Aos treze, decidiu dar a volta ao mundo, ser a mais jovem velejadora de sempre a dar a volta ao mundo. Nessa altura, já os pais de Laura estavam divorciados, mas ela quis reviver esse momento inicial, essa circum-navegação que, antes de ser sinónimo de aventura, é para ela sinónimo de nascimento.

Laura Dekker nasceu em Setembro de 1995, e quando anunciou a sua viagem, em 2009, ainda não tinha completado catorze anos. A circum-navegação duraria dois anos, ela levaria material de estudo e equipamento electrónico de localização, e estaria em contacto permanente com equipas de apoio. Tencionava partir de Portugal, zarpava da nossa costa em direcção à Indonésia, contornando a África, refazendo, aos catorze, uma odisséia de há cinco séculos. Do Pacífico voltaria para o Atlântico através do Canal do Panamá, percorrendo todos os mares, ligando o mundo, mostrando como o mundo é pequeno comparado com a vontade de uma rapariga.

As autoridades holandesas foram prosaicas: uma menina de treze anos não pode fazer sozinha uma volta ao mundo, mesmo com autorização da família. Os serviços sociais investigaram o caso e os tribunais proibiram a viagem. Quando muito aos quinze, decretaram, e mesmo isso logo se vê: por agora Laura está impedida de velejar para longe. Em Dezembro de 2009, Laura fugiu de avião, mas foi encontrada dois dias depois nas Antilhas. Tinha deixado uma carta de despedida. O conteúdo da carta não foi divulgado, mas é provável que a carta dissesse o que diz uma carta aos catorze anos: que se o possível se tornou impossível, ela tentaria o impossível.

Como não admirar esta rapariga, uma adolescente com acne e ar sisudo mas manso, e que não se deixa amedrontar? Andar dois anos à volta do mundo, com aquela idade, isolada, exposta a piratas e temporais? É normal que as autoridades se preocupassem. Que os pais sentissem inseguranças. A atitude mais responsável foi a das autoridades holandesas, mas terá sido a mais justa? Se a justiça é também uma justiça poética, a proibição da viagem é injusta. Não só Laura tem um treino de muitos anos, como tem uma certeza impressionante. A rapariga que nasceu no mar, numa viagem à volta do mundo, quer viajar à volta do mundo, viver no mar durante dois anos, ser o mais jovem marinheiro de sempre.

Duvido que muitos pais a deixassem fazer esta viagem, que muitas autoridades permitissem que ela fosse, as autoridades e os pais são responsáveis e deles não se espera outra coisa. Mas quando lemos que ela queria partir da costa portuguesa e navegar o mundo todo, em volta completa, como aquele antigo Magalhães português, pensamos de outro modo. Alguns de nós pensam de outro modo. Muitos adolescentes querem fugir, querem aventura,

talvez Laura Dekker também seja habitada por desejos de fuga e aventura, mas ela anunciou em público uma intenção. Não quer desaparecer, nem anda atrás de futilidades. Quer dar a volta ao mundo.

A ideia que fazemos deste caso é provavelmente a ideia que temos do mundo. Depende das nossas miragens e desencantos, de medos e fascínios. Ainda que tudo isso coexista muitas vezes numa mesma empresa: onde cresce o perigo cresce também aquilo que salva, escreveu um poeta alemão que morreu louco. Laura Dekker sabe o que quer, tem o que precisa, mostra confiança e coragem, tem a verdade subjectiva do seu lado, ainda que tenha a lei objectiva contra ela. Pensem em Laura Dekker, e de que lado estão. E, seguindo o amor tiverdes, tereis o entendimento de meus versos, escreveu um poeta português que quase deu a volta a mundo.

*As Vidas dos Outros (2010) reunia crónicas sobre «mortos»; O Mundo dos Vivos é uma escolha de textos sobre, justamente, «vivos» (incluindo um punhado de personagens ficcionais). A distinção é algo discutível e bastante precária. Mas justifica que se tenham mantido umas quantas expressões temporais e circunstanciais, próprias de assuntos jornalísticos, em desenvolvimento, alguns dos quais tiveram desenlaces imprevistos ou ainda não terminaram. Polanski, por exemplo, está em casa; Lindsay Lohan afinal não fez de Linda Lovelace, Amanda Knox foi absolvida, e Laura Dekker deu mesmo a volta ao mundo.*

*Agradeço a José Manuel Fernandes, Bárbara Reis, Andreia Sanches, Bárbara Simões, Isabel Salema, Joana Amado, Lucinda Canelas e Paula Barreiros (Público). Agradeço a Ricardo Costa, Miguel Cadete, Jorge Araújo e Alice Neto (Expresso).*



# O MUNDO DOS VIVOS

FOI COMPOSTO EM CARACTERES  
HOEFLER TEXT E IMPRESSO NA  
GUIDE, ARTES GRÁFICAS,  
SOBRE PAPEL CORAL BOOK  
DE 80 GRAMAS, EM  
ABRIL DE 2012.